

## APRENDER COM O PÉ ATRÁS: REFLEXÕES SOBRE O LUGAR DA (DES)CONFIANÇA NO PROCESSO DE EDUCAR-SE NA NOITE

Fabiana Rodrigues de **Sousa** – UFSCar

Agência Financiadora: FAPESP

Este artigo tem como objetivo suscitar reflexões acerca da categoria desconfiança e suas relações com o processo de educar-se de grupos populares, tomando como ponto de partida o estudo da obra do educador Paulo Freire e os resultados de uma pesquisa de doutorado em Educação que teve como objetivo compreender por meio do diálogo com prostitutas como essas mulheres se educam nas experiências vivenciadas no exercício do trabalho sexual<sup>1</sup>.

Com base nos aportes teóricos da Educação Popular e nas contribuições da Fenomenologia foi desenvolvida uma investigação com mulheres que prestam serviços sexuais em casas noturnas de uma cidade localizada no interior do estado de São Paulo. Ancorada nesta referência teórico-metodológica, o fazer pesquisa foi entendido como processo relacional entre a pessoa pesquisadora e as participantes da pesquisa que, juntas, buscaram problematizar a realidade. Nesse sentido o fazer dialógico não se volta a pesquisar *sobre* certo grupo social, antes busca o estar *com* membros desse grupo social e com eles fazer a leitura da realidade.

O fazer pesquisa *com* prostitutas e não *sobre* prostitutas demandou diálogo e disponibilidade para conviver com essas mulheres e com elas buscar a problematização da realidade vivida. O convívio metodológico foi se tecendo no trabalho de campo por meio de encontros realizados semanalmente nas casas noturnas e pelas conversas estabelecidas com prostitutas e funcionários (cozinheiros, vigias, gerentes) desses estabelecimentos. Fazer *com* requer convivência e disposição para acolher e ser acolhido nas relações estabelecidas com as pessoas participantes da pesquisa.

As contribuições de Freire (1970, 2008) engendram o entendimento de que o educador comprometido com a problematização e transformação da realidade se dispõe

---

<sup>1</sup> Entendido, aqui, como a prestação voluntária de serviços sexuais por parte de mulheres adultas que consideram essa atividade como estratégia de inserção socioeconômica. Portanto, nesse entendimento a prática da prostituição não é percebida por si só como sinônimo de exploração, as condições em que se efetiva a prestação de serviços sexuais é que pode resultar (ou não) na exploração das pessoas envolvidas nessa atividade.

a estudar seriamente as razões implícitas em certas atitudes de desconfiança apresentadas pelos grupos populares de modo a possibilitar que os integrantes desses grupos adquiram a confiança necessária em si mesmos para seguirem sua luta por um mundo melhor.

A desconfiança é entendida, portanto, como uma abertura à dúvida e ao questionamento frente ao vivido. Nesse sentido, Freire (1998, p. 151) alerta que é por meio da desconfiança que o ser humano pode se “resguardar das artimanhas da ideologia”, pois é desconfiando que ele evita a postura arrogante que o levaria a tornar-se “absolutamente certo das certezas”.

Na referida pesquisa, prostitutas afirmaram que o educar-se no exercício do trabalho sexual requer disponibilidade para vivenciar distintas experiências e que essa disposição, bem como as relações que se estabelecem nos contextos de prestação de serviços sexuais, comumente, são marcadas por certa desconfiança. Na noite<sup>2</sup>, os depoimentos das participantes da pesquisa apontaram que o desconfiar consiste em “ficar com o pé atrás”, ou seja, em lançar mão da dúvida e fazer uso da intuição e da imaginação visando a apreender as intenções das pessoas com quem se relacionam sejam elas clientes, parcerias afetivas, colegas de ocupação, pesquisadoras, profissionais da saúde, dentre outras. Sendo assim, desconfiar é uma estratégia empregada por essas mulheres com intenção de identificar possíveis consequências das interações estabelecidas.

O estudo da obra de Freire corrobora a compreensão de que essa postura de ficar com o pé atrás e de desenvolver atitudes de desconfiança frente ao vivido configura-se como ação executada por integrantes de diferentes grupos populares e não apenas por prostitutas. Tendo em vista que os oprimidos estão constantemente expostos a processos de exclusão social e de negação de sua existência passam a se questionar sobre as intenções de quem deles se aproximam, tal como relata Freire (1977, p. 49) ao discorrer sobre a desconfiança tomada por camponeses frente a pesquisadores, “no fundo, esta atitude é de desconfiança também de si mesmos. Não estão seguros de sua própria capacidade. Introjetam o mito de sua ignorância absoluta”. Uma das funções do educador popular consiste em promover a autoconfiança dos membros de grupos

---

<sup>2</sup> Termo empregado pelas participantes da pesquisa para aludir ao tempo-espço de prestação de serviços sexuais.

populares, à medida que vai se desvelando a ideologia dominante que tende a desumanizá-los e que os levam a assimilar uma percepção distorcida de sua própria capacidade de atuar na realidade e transformá-la (FREIRE, 2008, 1970).

Diante do exposto, depreende-se que a desconfiança é uma estratégia empregada por membros de classes populares no processo de leitura de mundo, a qual não deve ser percebida como entrave insuperável no processo de busca pela libertação e apreensão de conhecimentos, posto que se por um lado o ato de desconfiar se alimenta do medo e da introjeção da opressão, por outro aguça a intencionalidade, ou seja, a abertura da consciência voltada a desvelar o desconhecido e ainda não experienciado. Destarte, é por meio da desconfiança que os oprimidos se engajam no processo de questionamento de ideologias que alicerçam a injustiça, as desigualdades sociais e os mecanismos de negação de sua existência.

### **Questionando a opressão e o controle dos corpos das mulheres**

As participantes da pesquisa desenvolvida no interior de São Paulo foram mulheres que, então, prestavam serviços sexuais em casas noturnas da cidade. A aproximação a campo e aos sujeitos da pesquisa se deu por meio de encontros semanais realizados em três estabelecimentos. O preconceito que recai à prática da prostituição, bem como àqueles que se ocupam dessa atividade foi um elemento que dificultou o estabelecimento de vínculos entre a pessoa pesquisadora e às participantes, exigindo perseverança e paciência da pesquisadora e uma postura dialógica por parte das pessoas envolvidas na investigação. Essa postura dialógica se pautou na suspensão de concepções prévias acerca de quem são as mulheres que exercem prostituição e favoreceu uma aproximação traçada no sentido de compreender no interior dessa prática social quem são os sujeitos que ali se relacionam, como fazem a leitura de mundo e da situação vivida e quais são as estratégias por eles implementadas com intenção de superar as dificuldades e problemas com que se deparam.

A convivência com mulheres que prestam serviços sexuais em casas noturnas engendrou a compreensão de que ser prostituta é antes de tudo ser mulher, isto é, para além do exercício do trabalho sexual a vida da prostituta possui outras faces e redes de

interações (família, amizades, vínculos afetivos). Ao atribuir sentido às experiências vividas, a mulher prostituta vai (re)criando a si e sua prática, não há, portanto, uma maneira universal de ser mulher e puta<sup>3</sup>, bem como não existem condutas que sejam universalmente caracterizadas como atos prostitucionais, tais significações vão tomando corpo historicamente e modificam-se conforme tempo e lugar.

Como bem afirma Beauvoir (2008, p.13) “ninguém nasce mulher: torna-se mulher”, ou seja, os modos de ser/atuar no mundo apresentados por mulheres não resultam de um dado biológico, mas sim de uma construção social que desde cedo oferece uma educação diferenciada para homens e mulheres visando a legitimar aptidões e comportamentos que são normatizados como próprios aos papéis masculino e feminino. No movimento da existência, as mulheres incorporam ensinamentos que são frutos dessa educação diferenciada e vivenciam na pele suas consequências. Para citar uma delas, destaco o silêncio que envolve os corpos das mulheres de que nos fala Perrot (2003).

De acordo com essa autora, o pudor configura-se como uma marca associada à feminilidade, é comum o corpo da mulher figurar em quadros, esculturas, no discurso de poetas, médicos ou políticos como objeto do olhar e desejo dos homens, todavia, o corpo feminino se apresenta calado e “as mulheres não falam, não devem falar dele” (p.13). O peso desse silêncio se manifesta de diversas maneiras nos corpos femininos, pela imposição de atributos e padrões de comportamentos como discrição, comedimento nos gestos e na expressão das emoções, não erguer a voz, evitar o riso, deixar rolar as lágrimas conforme a situação. Esse silêncio também envolve a vida íntima do corpo da mulher que permanece oculta para além da dimensão da procriação, “o prazer feminino é negado”, e para algumas pessoas, é interpretado como “coisa de prostitutas” (PERROT, 2003, p.16).

Tendo em vista que ser prostituta não anula a condição de ser mulher, as mulheres que exercem prostituição também sofrem a imposição de convenções de

---

<sup>3</sup> O vocábulo “puta”, historicamente, tem sido empregado como insulto, mas nesse texto ele se dá como opção política, tal como destaca Gabriela Leite (2010) - uma das lideranças do movimento social de prostitutas no Brasil - ao defender a possibilidade de positivar esse vocábulo e, assim, se contrapor ao estigma que recai sobre as pessoas que exercem prostituição.

gênero que definem o que é ou não pertinente ao feminino, e não tardam a perceber que as atribuições executadas no exercício do trabalho sexual, muitas vezes, se chocam com as normas impostas às mulheres. O tornar-se prostituta é uma aprendizagem processual em que as mulheres que se ocupam dessa atividade passam a questionar convenções de gênero, notadamente, a imposição do pudor e da castidade como atributos femininos e suas consequências no sentido de controlar os corpos das mulheres.

As prostitutas participantes da referida pesquisa apresentaram uma percepção crítica acerca do preconceito que recai sobre a mulher que ousa ter múltiplos parceiros e que pratica sexo desvinculado do amor, a qual tende a ser rotulada com expressões depreciativas como “safada”, “galinha”, “vadia” cujo objetivo consiste em reprimir a adoção dessas ações. Algumas participantes da pesquisa relataram que foram alvo desse preconceito, especialmente, aquelas oriundas de cidades de pequeno porte, essas mencionaram que mesmo antes de prestarem serviços sexuais eram taxadas como putas pelo fato de ousarem ter múltiplos parceiros sexuais. As participantes da pesquisa destacaram que na noite foram desmitificando a lógica que está oculta nessa tendência em reprimir a sexualidade feminina (ao impor a castidade ou a adoção de um único parceiro sexual), elas tornaram-se capazes de questionar a ideologia que propaga que sexo sem amor é uma prática inapropriada para as mulheres e “naturalizada” para os homens, posto que em seu cotidiano essas mulheres tenham a possibilidade de prestar serviços sexuais aos clientes sem, necessariamente, criar vínculos afetivos com os mesmos. Essa experiência desvela que a imposição às mulheres de manterem relações sexuais com um único parceiro e preferencialmente por amor com fins de reprodução consiste num dispositivo que visa a controlar os corpos das mulheres, bem como a sua sexualidade.

O ingresso na prática da prostituição para algumas mulheres configurou-se como uma maneira de representar sua insatisfação com relação a essa ideologia que permite aos homens vivenciar distintas experiências sexuais e que impõe às mulheres o sexo vinculado ao casamento e à reprodução. Flávia<sup>4</sup> - uma das participantes da pesquisa - declarou que casara virgem e que após o casamento se dedicava aos cuidados da casa e do esposo, quando descobriu que era traída por seu companheiro, decidiu separar-se e passou a prestar serviços sexuais, uma vez que nos contextos de exercício do trabalho

---

<sup>4</sup> Todos os nomes empregados são fictícios a fim de preservar a identidade das participantes da pesquisa.

sexual ela conseguiu transformar os modos como até então vivenciava as relações de gênero. Além disso, Flávia considera que essa é uma forma de vingar-se de seu ex-esposo, pois ele não aceita o fato dela se ocupar dessa atividade. A respeito da mudança em seu comportamento após ingresso na prática da prostituição, ela diz:

Antes eu era uma santa, agora, a mulher mais safada que eu já vi fazer ponto. É porque aqui (*referindo-se à casa noturna*), normal, durante o dia na cidade dependendo do ambiente que eu tô, eu me comporto, né, dependendo do ambiente eu me comporto, mas ali embaixo no salão ou no quarto, ai já era o comportamento, acabou, não tem mais nada.

Flávia emprega a metáfora da santa para fazer referência a como se percebia antes do exercício da prostituição e emprega o adjetivo safada para aludir à condição de prostituta, evidenciando uma contradição entre os atributos usualmente associados à boa mulher (frágil, dócil, comedida, pudica, do lar) e a má mulher (resistente, desobediente, imprudente, safada, da vida). Tornar-se puta requer disposição para, paulatinamente, questionar as convenções de gênero e comportamentos impostos socialmente às mulheres, ao menos no espaço do salão, como bem destacou Flávia no depoimento supracitado.

As experiências vivenciadas na noite favorecem o questionamento por parte das prostitutas de convenções de gênero, não só porque permite que essas mulheres vivenciem de modos distintos as atribuições de gênero que lhes são impostas socialmente, mas também na medida em que possibilita reconsiderarem alguns atributos imputados aos homens como definidores de masculinidade (insensível, garanhão, que não aceita penetração na relação sexual, dentre outros). Esse questionamento é processual e pode ser doloroso, notadamente, para quem ingressou há pouco tempo na prática da prostituição. Fátima – outra participante da pesquisa - comenta que quando começou a exercer trabalho sexual sentiu-se suja após satisfazer a fantasia de um cliente que almejava ser penetrado com diferentes objetos, mas depois foi se acostumando a se deparar com diversas demandas apresentadas pela clientela. Ela narra:

Todo mundo já conhecia ele, já sabia das maluquices dele... Bom, a mulherada que trabalhava na noite, né, já sabia das maluquices dele, do que ele gostava, mas ele pagava muito bem! Mas nossa, tinha que ter paciência... Eu falava pra mim mesma “Nunca mais!” Naquele dia eu tomava banho, eu tomava banho e parecia que eu continuava suja, podre, imunda... de lembrar do que aconteceu, porque eu não me

conformava sabe? Como uma pessoa consegue, né? Mas isso eu já vi muito sim (...).

As experiências vivenciadas no exercício do trabalho sexual também podem conformar processos educativos prazerosos como o desenvolvimento da autoestima da mulher que se ocupa dessa atividade. Gislaïne – mais uma participante da pesquisa - afirma que o ingresso na prática da prostituição favoreceu a valorização de sua autoestima, sua compreensão se contrapõe à imagem comumente retratada sobre a prostituta como pessoa que não possui amor próprio, que não gosta de si ou de sua autoimagem. Ela destaca:

É isso que a gente tá falando, eu sai da zona, mas a zona não sai de mim! (...). E também tem aquele lado assim do ego, da autoestima. É, às vezes, a autoestima da mulher ela quer se sentir desejada, sabe? Já teve vezes de eu ver mulher falando pro cara “Eu não quero ir pra cama com você”, e o cara ficar indo atrás dela “Eu quero você”, aí você se sente assim, nossa, mesmo o cara tendo que me pagar para eu ficar com ele, ele quer.

Os depoimentos das prostitutas participantes da pesquisa desvelam que os saberes consolidados nas experiências vivenciadas nessa prática social estigmatizada apontam para uma face pouco conhecida do trabalho sexual, qual seja a de que essas mulheres não são vítimas que desanimam frente às vicissitudes da vida, mas são sujeitos de seu fazer, isto é, possuem agência, compreendem a situação vivida e criam respostas para enfrentar os obstáculos com que se deparam.

### **O educar-se na noite por meio da (des)confiança**

A análise dos depoimentos cedidos pelas prostitutas e dos registros em diário de campo culminou na formulação da categoria desconfiança, a qual foi elaborada com intuito de desvelar que, na noite, as prostitutas se encontram numa constante busca por equilíbrio entre o medo que resulta da percepção de riscos relativos ao exercício do trabalho sexual e a ousadia em vivenciar novas experiências. Nessa busca, as prostitutas caminham com um pé atrás, ora identificando possíveis riscos em seu entorno, outrora questionando a intenção das pessoas que delas se aproximam, bem como tecendo

vínculos de apoio e solidariedade. A desconfiança não anula, portanto, que as prostitutas desenvolvam a capacidade de confiar e criar vínculos com pessoas em contextos de exercício do trabalho sexual.

As participantes da pesquisa afirmaram que na noite aprendem com um pé atrás, mas isso não impede o estabelecimento de vínculos de colaboração e solidariedade entre as prostitutas. Elas mencionaram que é comum fazer amizades na noite com clientes, funcionários e demais prostitutas colegas de trabalho. Em consonância com a assertiva de Wong Un (2002, p. 6) que destaca que “no mundo contemporâneo, as formas comunitárias são múltiplas, sutis, e mutáveis”, as quais esperam de nós um olhar capaz de “enxergar as amplas paisagens culturais que vão pintando”, observei que o convívio nas casas noturnas – local não apenas de trabalho, mas por vezes também de moradia – possibilita que essas mulheres tenham um sentimento de pertencimento a uma comunidade, esse sentimento foi verbalizado pelas participantes da pesquisa por meio da expressão “estamos todas no mesmo barco”, perceber-se comunitariamente impulsiona algumas mulheres a estabelecerem ações colaborativas no sentido de acolher aquelas que ingressaram recentemente nessa prática social, de repassar normas que organizam a prestação de serviços sexuais, bem como de criarem vínculos de proteção e solidariedade entre elas e demais pessoas com quem se relacionam na noite.

Esses vínculos colaborativos vão sendo construídos com o tempo, por meio da proximidade, disponibilidade e persistência. O acolhimento e colaboração são perceptíveis nas situações descritas por Flávia e Fernanda – mais uma participante da pesquisa - sobre como as prostitutas aprendem e ensinam as habilidades necessárias para exercício do trabalho sexual. As mulheres mais experientes repassam às iniciantes conselhos e ensinamentos que receberam ao ingressarem na prática da prostituição. Sobre essa aprendizagem Fernanda diz:

Eu fui aprendendo, eu não sabia, né? Mas a menina que me levou pra boate já falou “não pode fazer nem isso, isso e isso, entendeu? Que isso é errado”, ah se o cliente tiver bebendo e te chamar, aí você pode ir (...) foi a primeira menina que me levou pra noite que me ensinou!

Fernanda que aprendeu as normas que regulam a prestação de serviços sexuais em casas noturnas por meio das orientações de uma colega de trabalho, atualmente, orienta Flávia a como relacionar-se com os clientes desenvolvendo uma postura mais



ativa. Flávia descreve que está pegando o ritmo do trabalho sexual por meio de conversas e da convivência com Fernanda.

Vamos supor tá eu e ela (*referindo-se à Fernanda*), nós duas sentamos juntas na mesa do cliente, daí eu vou vendo, vou conseguindo pegar o ritmo da conversa, vou vendo o jeito que ela tá se comportando pra mim, sabe, ter um pouquinho mais de ideia. (...) Eu começava a observar tudo, naquela época eu ainda tava ruim, não conseguia conversar com ninguém. Daí teve uma semana que ficou nós duas, daí nós começamos a ter diálogo, começamos a conversar, daí começamos a sentar na mesa dos clientes juntas, ai, foi ai que eu fui pegando o jeito mais de trabalhar. Daí tanto que daquela época nós ficamos um tempo separada, né? E quando a gente voltou a trabalhar juntas, daí eu já tava bem mais ativa, e agora, mais ativa ainda.

A confiança também se faz presente na criação de vínculos de apoio e proteção, como os traçados entre prostitutas e alguns clientes que se tornam amigos. Fernanda confirma a existência de laços de confiança e amizade entre prostitutas e clientes e comenta a respeito de um cliente:

Esse mesmo, na hora em que nós precisássemos ligar para ele, podia tá não sei aonde, e ele vinha. Ele é dono da X (*menciona o nome de uma empresa localizada numa cidade no interior de São Paulo*). Ele buscava nos e levava, agora que não tá dando mais pra ele salvar a gente, pois tá com muitos problemas. Tem cliente que vira amigo, na hora que precisa “oh, me leva em tal lugar?”, ele leva, “compra isso pra mim e traz aqui que eu tô precisando”, ele traz.

Já Fátima comenta sobre o vínculo estabelecido com um taxista que é conhecido na cidade por atender aos chamados das prostitutas no decorrer da madrugada. Ela se refere a uma situação em que aceitara fazer um programa no qual teria de viajar em companhia de uma colega de trabalho juntamente com dois clientes até uma região de represa mais afastada do centro urbano da cidade. Chegando ao local onde havia combinado a realização do programa, ela tomou conhecimento de que o veículo em que se locomovera estava carregado de armas. Fátima mencionou que na ocasião ficara tão assustada que manifestou o desejo de sair do local no mesmo momento, os clientes percebendo sua aflição a dispensaram do programa, pois não almejavam obter sexo, apenas fruir da companhia das mulheres até o local para minimizar as chances de serem

abordados em algum bloqueio policial, uma vez que sua intenção era transportar as armas. Todavia, devido ao horário seria impossível para as mulheres retornarem até a casa noturna, posto que não houvesse mais transporte coletivo disponível. Nesse caso Fátima ligou para o taxista, pois só ele aceitaria ir até a região da represa para buscá-las.

Ai eu liguei pro Nico e pedi pra ele ir me buscar. Ele falou “Onde você tá?” Tô aqui na X (*refere-se à região da represa*). “Nossa! O quê que você tá fazendo aí?” Em vez de ele ir te buscar, ele que saber o que você tá fazendo lá, porque foi parar lá, o quê que tinha lá... Nico, pelo amor de Deus vem me buscar! Ai eu comecei a chorar no telefone e ele veio, veio rapidinho, sabe?!

O estabelecimento desses vínculos de colaboração e apoio configura-se como estratégia de minimizar as vulnerabilidades que permeiam o exercício da prostituição. As atitudes de desconfiança e de ficar com o pé atrás se alimentam da percepção de que a prestação de serviços sexuais é marcada por diferentes situações que podem ser significadas como riscos, por exemplo, a possibilidade de sofrer algum tipo de violência (física ou simbólica), de contrair alguma infecção sexualmente transmissível ou HIV/Aids, de sofrer reprovação moral e ser julgada por filhos, outros familiares e parcerias afetivas, dentre outras. Tais situações exigem da prostituta atenção redobrada ao relacionar-se com pessoas na noite, com intenção de cuidar de si e garantir sua segurança. Nesse sentido, Fátima alerta:

Porque ali em Santos, Cubatão, São Vicente, Bertioga, a Aids corre solta ali! E os homens, se você não prestar atenção, eles tiram a camisinha, eles estouram a camisinha, eles querem transar sem camisinha de tudo quanto é jeito, tem homem que quer pagar mais caro.

Desconfiar das intenções do cliente, redobrar a atenção durante a execução do programa e fazer uso do tato são saberes compartilhados pelas mulheres que exercem trabalho sexual com intuito de identificar se o cliente se mantém com o preservativo durante o programa. Na leitura que fazem do comportamento do cliente, ficar com o pé atrás é uma forma de tentar apreender as reais intenções dos clientes que nem sempre são explicitadas verbalmente, mas que podem ser apreendidas nos detalhes, pela postura que o cliente adota no salão ou durante negociação do programa.

Gastar muito dinheiro no salão pagando doses para todas as mulheres ou oferecendo presentes a uma prostituta também pode gerar desconfiança com relação ao cliente. Gil – mais uma participante da pesquisa - declara: “Tem homem que é meio louco, quando ele começa a comprar as coisas sem você pedir, assim, quer dizer o quê? Ah, vou fazer e talvez vou ganhar!”. No entendimento de Gil, a prostituta deve atentar para as intenções do cliente, pois ele poderá cobrar uma retribuição futuramente. Além disso, o cliente que esbanja muito dinheiro no salão também pode ser percebido pelas prostitutas como um possível traficante, levando-as a ficarem atenta a seu comportamento, pois segundo as participantes da pesquisa não é comum trabalhadores assalariados gastarem quantias elevadas de dinheiro numa única noite. Fátima destaca que quando o cliente chega no salão gastando muito dinheiro, a prostituta já desconfia que ele é traficante:

Uma porque todo homem eu acho que tem esse sonho, assim, de um dia poder chegar na boate gastar e beber e pagar, sabe?! E o homem só tem oportunidade fazendo isso, porque hoje em dia trabalhando, ele não vai chegar lá e “desce ai essa garrafa”, sabe? Até pelo apego ao dinheiro, “Oh, trabalhei o mês inteiro pra chegar numa noite e torrar tudo”, então, acho que só traficante mesmo é quem gasta horrores em boate, quando começa a gastar muito a mulher já sabe, olha ai tem, a mulher já sabe.

As experiências vivenciadas na noite aliadas à leitura que vão fazendo dos comportamentos dos homens impulsionam as prostitutas a desconfiarem das intenções anunciadas por eles, de modo que para algumas mulheres isso pode inibir o estabelecimento de vínculos afetivos com homens, levando-as a buscarem relacionamentos homossexuais. Com relação a descrença nos parceiros afetivos, Flávia afirma:

Agora é meio difícil ter confiança, viu, a confiança do lado sentimental é bem complicada, hein?! Eu acho assim se eu for sair da noite por causa de um homem, vai ser pela grana dele, por amor jamais, de jeito nenhum, ah não... ai não vai, é uma coisa que não vai, é uma coisa que já... já desacreditou.

Como resposta à essa ausência de “confiança do lado sentimental”, algumas prostitutas passam a estabelecer com homens relacionamentos em que se priorizam aspectos financeiros e não afetivos. A postura de relacionar-se com determinada pessoa com intenção única de obter ganhos financeiros foi denominada pelas

participantes da pesquisa como “golpe”. A possibilidade de levar um golpe potencializa a desconfiança que permeia relacionamentos estabelecidos entre homens e mulheres na noite gerando a necessidade de procurar captar as intenções de quem se aproxima. Duvidar é o que permite apreender as intenções não verbalizadas e capacita a ler os gestos do outro com intuito de prever se o envolvimento em certo relacionamento pode ou não culminar em golpe. Cabe ressaltar que o ato de dar um golpe não costuma ser bem visto pelas mulheres que exercem prostituição, algumas desaprovam essa atitude e dizem que para tecer um relacionamento é preciso ter algum vínculo afetivo. Gislaine alerta que a prostituta tanto pode dar como sofrer um golpe.

E o pior é que eu vou falar pra vocês que eu já vi esse filme. Porque essas meninas que casam por golpe, golpe, no final acabam gostando do fila da puta, né? Acabam pegando o pior, o mais pobre, o mais desgraçado... É isso mesmo, o mais pobre que muitas vezes já vem porque quer dar o golpe.

Ficar com o pé atrás e buscar apreender as intenções das pessoas com quem interage, na noite, configura-se também como uma forma de se proteger, já que permite à prostituta identificar a aproximação de possíveis gigolôs (homens que almejam seduzir prostitutas com objetivo de serem sustentados parcial ou integralmente pela renda adquirida pela parceira no exercício da prostituição).

A desconfiança não permeia somente as relações com a clientela, posto que também possa ser verificada nos relacionamentos com suas parcerias afetivas. Como anuncia Fátima:

Eu tenho namorado e eu tenho relação com ele sem camisinha, até achei que ele tivesse sei lá... me passado alguma doença, alguma coisa assim, mas aí eu fui no médico e ele me falou que eu tava com alergia do gel da camisinha. Mas eu sei que eu devia me prevenir mais ainda com ele, porque ele também... ele é pior que eu... um dia ele tá aqui, outro dia ele tá lá... vai saber com quem ele anda?!

Embora não seja possível prever se sua parceria afetiva se relaciona sexualmente com outras pessoas e se o faz de forma segura ou não, as prostitutas nem sempre usam preservativo com os namorados. Fernanda declara: “Aí eu não uso com o meu namorado não.” Se por um lado o uso do preservativo é constante nas relações com a clientela, os depoimentos cedidos pelas participantes da pesquisa demonstram que o

mesmo não é tão frequente com namorados/maridos, pois a ausência do uso de preservativo, neste caso, simboliza afetividade e confiança em relação ao parceiro.

## **Considerações**

O desenrolar da pesquisa possibilitou apreender que a desconfiança também permeia as relações estabelecidas entre prostitutas e as pessoas que se aproximam das casas noturnas, cuja função consiste em se proteger do preconceito e violência com que muitas pessoas se voltam à prática social da prostituição. Fabinho – cozinheiro de uma das casas noturnas onde foi desenvolvida a pesquisa - comentou que esses estabelecimentos costumam ter cachorros que latem quando pessoas alheias se aproximam do local, como forma de alertar aos que estão na casa acerca da eventual aproximação.

Ao longo do desenvolvimento da pesquisa, também me deparei com a desconfiança das pessoas que convivem em casas noturnas (prostitutas, funcionários, travestis), o que foi percebido por meio do desconforto, receio e falta de disponibilidade de algumas pessoas para conversar e falar sobre sua vida e experiências na noite. Em alguns casos, essa desconfiança não foi verbalizada, mas a convivência no campo de pesquisa possibilitou a apreensão de gestos e posturas que foram sendo interpretadas por mim como manifestações de desconfiança, por exemplo, riso excessivo, o esfregar as mãos, o fato de roer as unhas freneticamente, etc.

A aproximação à prática da prostituição requer flexibilidade e respeito aos tempos apresentados pelas pessoas que dela participam, pois o desenvolvimento da referida pesquisa desvelou que desconfiar visando a apreender a intenção de quem se aproxima é uma aprendizagem que se consolida nas experiências vividas na noite. No decorrer do processo de pesquisa, ela também esteve presente em diferentes momentos, por exemplo, quando as mulheres me perguntavam sobre divulgação de seus nomes e o da casa noturna com intenção de preservar sua identidade.

A desconfiança também esteve presente nos momentos em que as mulheres optaram por assinar o termo de consentimento esclarecido com pseudônimo<sup>5</sup>, quando

---

<sup>5</sup> Essa possibilidade foi apresentada e aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos.

não consentiram que o áudio de nossa conversa fosse gravado. Na maioria dos encontros as mulheres apresentaram disponibilidade para conversar sobre a vida na noite, mas não consentiram gravação do áudio. Nos casos em que consentiram, não o fizeram sem antes se certificarem de que o áudio não seria veiculado publicamente.

Os aportes da Fenomenologia e da Educação Popular, especialmente, as contribuições apresentadas na obra de Paulo Freire (1970, 1977, 1998, 2008) e por Merleau-Ponty (2006, 2007) embasaram o processo de compreensão da realidade vivida por mulheres que exercem prostituição em casas noturnas, favorecendo o entendimento da desconfiança como categoria presente no processo de leitura de mundo dessas mulheres. Confiar/desconfiar são movimentos traçados por prostitutas com intenção de questionar o que está além da aparência, isto é, em descortinar o invisível. A apreensão dessas intenções geralmente se faz pela leitura da corporeidade, pela interpretação de gestos, posturas e comportamentos adotados por quem se aproxima. No entanto, essa desconfiança não anula os vínculos de amizade e confiança que também são tecidos nesses contextos visando, sobretudo, a garantir auxílio, colaboração, acolhimento e proteção. Apesar da percepção do estigma que geralmente leva ao ocultamento da atividade exercida e inibe a assunção da identidade de prostituta, esses vínculos de confiança descortinam que nessa prática há também um sentimento de pertencimento a um grupo social que compreende as manifestações de acolhimento, amizade e proteção como forma de enfrentamento das adversidades.

Ainda há muito a ser desvelado acerca das razões de ser da desconfiança no processo de leitura de mundo de prostitutas e demais integrantes de grupos sociais marginalizados, pois considero que o entendimento de quem/para que/ por que essas pessoas desconfiam possibilitará o desenvolvimento de processos de autoconfiança e de interconfiança entre membros de grupos populares e educadores populares culminando na comunhão e colaboração voltadas à transformação da realidade opressora.

## Referências

BEAUVOIR, S. **O segundo sexo: a experiência vivida**. v. 2, Lisboa: Quetzal Editores, 2008.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970. (Série Ecumenismo e humanismo; v.16).

\_\_\_\_\_. **Extensão ou comunicação?** 3ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977. (Coleção O mundo, hoje; v.24).

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. 15ª. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008.

LEITE, G. **Voto em Gabriela Leite, 4301, por questões de linguagem e de desejo**. Disponível em < <http://gabrieladaspu.blogspot.com> > Acesso em setembro de 2010.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. Tradução Carlos Alberto Ribeiro de Moura. 3ª. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

\_\_\_\_\_. **O visível e o invisível**. Tradução José Artur Gianotti e Armando Mora d'Oliveira. São Paulo: Perspectiva, 2007.

PERROT, M. Os silêncios dos corpos da mulher. In. MATOS, M. I. S.; SOIHET, R. (orgs). **O corpo feminino em debate**. São Paulo: Editora UNESP, 2003, p. 13-27.

WONG UN, J. A. **Visões de comunidade na saúde: comunalidade, interexistência e experiência poética**. 2002. 166p. Tese (Doutorado em Saúde Pública). Escola Nacional de Saúde Pública, Fundação Osvaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2002.